

O CONCEITO DE SARCASMO E A PÓS-MODERNIDADE

Fabiana Julio Ferreira
Mestre em Linguística (UERJ)
fabianaj.prof@gmail.com

RESUMO

Já não é fato recente que linguistas vêm se debruçando sobre a questão do sarcasmo linguístico e suas características em tentativa de compreendê-lo melhor e até mesmo sistematizá-lo. Em seus estudos, muitos o classificam como um tipo de humor (KEITH-SPIEGEL apud CARTSBURG, 2007) que, segundo Guimarães (2001), é usado “para impressionar uma audiência, para criticar de uma forma mais culta e por muitos considerada intelectualmente mais prestigiante”. Considerando o número crescente de adeptos desse evento linguístico, a importância do seu estudo se faz notável. Baseado em Haiman (1998) e Bauman (1998), este trabalho fará uma pequena análise do sarcasmo como fenômeno pós-moderno e a intenção do falante em situações interacionais baseando-se apenas na comunicação verbal.

PALAVRAS-CHAVE: sarcasmo, intenção, pós-modernidade.

ABSTRACT

It is not a recent fact that linguists have been leaning over the matter of linguistic sarcasm and its characteristics in an attempt to understand it better and even systemize it. In their studies, many have classified it as a kind of humour (KEITH-SPIEGEL apud CARTSBURG, 2007), which, according to Guimarães (2001), is used to “impress an audience, to criticize in a more cultured way and by many considered more prestigious”. Considering the growing number of followers of this type of linguistic event, the importance of its study is made remarkable. Based on Haiman (1998) and Bauman (1998), this article will present a small analysis of sarcasm as a post-modern phenomenon and the intention of the speaker in interactional situations based on verbal communication.

KEYWORDS: sarcasm, intention, post-modernity.

INTRODUÇÃO

Em uma breve pesquisa online, pode-se encontrar sarcasmo definido como “um tipo de ironia mais amarga e provocatória” (<http://www.significados.com.br/sarcasmo/>); o Dicionário Online de Português diz ser “ironia insultuosa; zombaria penosa, mordaz ou cáustica”, enquanto o Aurélio Online afirma ser “zombaria acerba, ironia mordaz”. Todas essas definições são, com certeza, eficientes, e percebe-se que várias são as perspectivas de tentativa de sua sistematização.

Alguns teóricos tentam explicar o sarcasmo através de teorias do humor (KEITH-SPIEGEL apud CARTSBURG, 2007) além de considerarem-no uma forma de ironia. Haiman (1998) considera que sarcasmo e ironia são dois fenômenos diferentes com características distintas e dedica seu estudo apenas para os aspectos do primeiro. Além de Haiman (1998), também Attardo, Eisterhold, Hay e Pogy (2003) fazem análises que envolvem as características paralinguísticas do sarcasmo, como entonação e expressões faciais, que tornam mais difícil sua organização. Embora Haiman (1998) tenha sugerido a gramaticalização do sarcasmo como um fenômeno denominado “*the sarcastive*” (“o sarcástico” em uma tradução livre), sua proposta ainda não tomou força. Ainda que seja comumente citado em literatura ou mencionado como algo de fácil reconhecimento, a dificuldade de um consenso efetivo sobre as características do sarcasmo demonstra que seus aspectos não são tão óbvios quanto parecem.

A popularidade desse fenômeno linguístico se faz notável em vários momentos: nas redes sociais, encontram-se comunidades (brasileiras, americanas e de países de língua espanhola, entre outros) voltadas unicamente para que seus membros possam desenvolver suas veias “sarcásticas”; na TV, personagens como o doutor Gregory House, vivido pelo ator Hugh Laurie, conseguiram um legado de fãs dentro e fora dos EUA que exibem verdadeira adoração por suas tão sempre expostas ideias mordazes que mereceram, inclusive, um aplicativo (Sarcasmo do Dr House. Disponível em: <<http://www.allthelikes.com/application.php?app=159833>>), além de ser encontrado em outros meios de comunicação. A apreciação do sarcasmo, seja ele usado para humor ou drama, é uma característica, talvez até almejada, da sociedade pós-moderna (HAIMAN, 1998). Tendo isso em vista, a análise dos aspectos que caracterizam a sociedade em questão pode servir para facilitar apreender como e porquê o sarcasmo vem sendo usado no mundo pós-moderno, além de contribuir para a melhor compreensão desse fenômeno linguístico.

A PÓS-MODERNIDADE

Definir a pós-modernidade atualmente é uma tarefa árdua, considerando que ainda é um conceito em construção, fruto de insistentes controvérsias. Entretanto, pode-se ter uma ideia do que se trata comparada com o período vivido anteriormente: a modernidade.

O indivíduo moderno vivia em uma sociedade que lhe parecia estável e de aspecto duradouro (VIEIRA e STEGNET, 2012). Ele buscava a ordem e tentava conciliar a satisfação das necessidades individuais com as do coletivo. O Estado era um “marco de ordenação para a vida individual” (CHAVES apud VIEIRA e STEGNET 2012) e a construção da identidade era uma de suas características (BAUMAN, 1998).

Com a pós-modernidade, o indivíduo se deparou com uma maior liberdade e individualidade, sendo a última diferente da existente na era moderna, já que sobrepõe as necessidades do coletivo. Além disso, esse indivíduo se encontra em uma desordem, ou uma nova ordem, e busca constantemente o prazer (VIEIRA e STEGNET, 2012).

Em um primeiro olhar, o indivíduo pós-moderno parece estar em vantagem com relação ao moderno. Entretanto, tamanha “liberdade” e “individualidade” acabaram por ser prejudiciais, gerando uma teia de insegurança que se tornou característica do pós-modernismo (BAUMAN, 1998). As identidades se tornaram “descentradas”, deslocadas ou fragmentadas (HALL, 2003), gerando o que Bauman (2000) vem chamar de “liquidez” do homem pós-moderno. Segundo o filósofo, essa seria uma metáfora simples para a instabilidade social em que vivemos:

“Nosso arranjo social, nos dias de hoje, se comporta como um líquido em um recipiente. Ou seja, não se mantém por muito tempo em um mesmo estado. Está sempre mudando. Enquanto gerações passadas se acostumaram a uma estabilidade de todas as coisas, o homem contemporâneo enxerga as rápidas mudanças nos partidos e movimentos políticos, nas causas, nas instituições que acabam, na moda, tudo muda várias vezes. Tenho 88 anos e já vi vários arranjos sociais”(BAUMAN, 2013).

O indivíduo pós-moderno acabou por perder a esperança no Estado. Essa perda junto à sensação de que “há pouca coisa, no mundo, que se possa considerar sólida e digna de confiança” (BAUMAN, 1998, p. 36) contribuíram para o surgimento do grande mal-estar do homem atual.

A característica recente mais marcante e que contribui para a disseminação do sarcasmo é a constante busca de algo novo (HAIMAN, 1998). Entretanto, de acordo com o linguista, o indivíduo atual encontra extrema dificuldade em satisfazer essa sua necessidade, pois considera que “a atitude da pós-modernidade é que não existem coisas novas, nem mesmo a pós-modernidade em si” (HAIMAN, 1998, p.14). Esse pensamento se reflete nas

atitudes do homem dessa era, inclusiva na linguagem, e explica uma das facetas do uso do sarcasmo como usado nos dias de hoje: a questão da originalidade, que será tratada a seguir.

O SARCASMO E A ORIGINALIDADE

Em seu livro *Talk is Cheap* (1998), Haiman chama a atenção do leitor para a importância atualmente dada à questão da busca do novo. Em um estudo minucioso, o autor mostra a surpreendentemente constante tentativa do homem em evitar se tornar repetitivo, a necessidade de se tornar especial, único, original. Tal necessidade tomou mais força com o indivíduo pós-moderno, sendo definida por Haiman (1998) como segue:

Eu tenho a dolorosa consciência de estar meramente repetindo as falas de outra pessoa, fazendo um papel. Se eu vivo nesse tipo de mundo, então possivelmente a única forma que tenho disponível para expressar minha superioridade aos *clichés* que me encontro constantemente repetindo de forma tediosa, para ser *cool*, é repeti-las em forma de paródia, ou seja, sarcasticamente (HAIMAN, 1998, p. 15).

Com a citação acima, Haiman (1998) consegue explicar em parte o fascínio que um dos aspectos do sarcasmo exerce sobre o indivíduo na pós-modernidade. Acompanhando a insegurança e o vazio de hoje, o falante ocidental também carrega o fardo do medo do uso de *clichés*. Não há direito de repetição perante os demais, o que cria a obrigação de tornar claro que se é consciente de que o que é dito não é novo. Haiman (1998) chama esse fenômeno de *ansiedade de influência*, onde o indivíduo vive usando citações “entre aspas”, literalmente fazendo o movimento com dois dedos de cada mão como que indicando as palavras que serão citadas. Um dos exemplos dados pelo autor é o de um homem que ao final do dia de trabalho diz aos colegas que vai para casa com um sorriso irônico (fazendo o movimento de aspas com as mãos) para encontrar “a patroa e as crianças”. Segundo Haiman (1998), ele quer que seus colegas tenham plena consciência de que ele sabe que a expressão “patroa e as crianças” é corriqueira, demonstrando a consciência da própria falta de originalidade (p.15-16).

O SARCASMO E SUAS CARACTERÍSTICAS

I. A METAMENSAGEM

Ainda segundo Haiman (1998), uma das características que o sarcasmo pode possuir é uma *metamensagem*, ou seja, ele transmite a ideia de que, na verdade, o que se quer dizer é o oposto do que foi dito, sendo, talvez, a forma mais comum e mais conhecida de sarcasmo (HAIMAN, 1998, p. 28).

Como exemplo de *metamensagem*, pode-se remeter a vários dos comentários do Dr House, personagem cuja característica principal é o sarcasmo, como já mencionado acima. No segundo episódio da primeira temporada, o médico trata de um rapaz com terrores noturnos. Ao saber, durante o tratamento, da tentativa de suicídio de seu paciente dentro do hospital, House comenta: “Alguém contou à família que o filho deles quase pulou do prédio? Eles devem estar extasiados”.

Tomando-se o senso comum de que uma tentativa de suicídio não é algo que traga alegria aos parentes do suicida, a frase proferida apresenta a *metamensagem* proposta por Haiman (1998) de que a real ideia de House é, na verdade, o oposto do que ele disse.

II. TEORIAS DO HUMOR

Outro ponto considerado importante para a explicação do sarcasmo como característica da era atual é a necessidade do homem de sentir-se superior ao outro, fazendo com que, em uma interação sarcástica, existam até três participantes: o sarcástico; sua vítima (que não necessariamente entende a zombaria) e possivelmente uma terceira pessoa (o público do sarcástico que, para ele, está ali para aplaudir sua crítica considerada, por muitos, inteligente). Essa visão de sarcasmo como sendo um fenômeno que precisa de um mínimo de três sujeitos, embora a terceira pessoa não seja primordial, também pode ser encontrada na visão de Toplak & Katz (apud CARTSBURG, 2007) e também é reconhecido por Weinrich (apud GUIMARÃES, 2001).

Ao considerar o sarcasmo como uma forma de humor, como feito por Keith-Spiegel em 1972 (apud CARTSBURG, 2007), deve-se também tomar, então, uma das teorias do humor: a da superioridade. De acordo com suas premissas, o sarcástico se considera superior ao seu receptor e utiliza o fenômeno linguístico estudado para expor sua supremacia sobre a vítima e, quando a terceira pessoa é existente na interação, objetiva gabar-se diante de seu público.

III. ATOS AMEAÇADORES DE FACE

Em sua avaliação, Brown & Levinson (1987) não levam em consideração o sarcasmo, mas sim a ironia, definida por eles como se dizer o contrário do que na verdade se intenciona. Embora tal definição tenha ligação com a *metamensagem* proposta por Haiman (1998), ela é vista como uma forma de suavização de uma crítica. Já Leech (apud MILLER, 2006, p. 9) se aproxima mais do conceito de Haiman (1998), focando no que ele chama de “ironia

sarcástica”, ou seja, ofensiva e anti-social, na sua forma menos polida possível sem tentativa de abrandamento de mensagem.

Por ser considerada, tanto por Brown & Levinson (1987) quanto por Leech (apud MILLER, 2006), como crítica ou ofensa, seja ela suavizada ou não, é importante considerar a questão de “face” sugerida por Goffman (1967). A “face” é um conceito que foi incorporado e adaptado mais tarde à Teoria da Polidez de Brown & Levinson (1987). Dentro dessa teoria, a “face” corresponde à imagem que gostaríamos que o mundo tivesse de nós ou, nas palavras de Fiorin (2010, p. 175), o amor próprio do sujeito. Ser polido seria uma tentativa de salvar a “face” do interlocutor (do inglês “*save face*”). De forma contrária, o interlocutor pode perder a “face” (“*lose face*”), o que corresponderia a sentir uma ameaça à sua “fachada” social. Em qualquer interação, existem enunciados que podem ser considerados ameaças a essas “faces”, sendo chamados de Atos Ameaçadores de Face (do inglês *Face Threatening Acts* ou *FTA*), doravante AAF.

De acordo com Brown & Levinson (1987, p. 314, 315), existem quatro categorias em que se dividem os AAFs. São elas:

- (1) Atos Ameaçadores da Face negativa do emissor: o emissor se compromete a fazer algo que não quer, inventar desculpas, expressar agradecimento;
- (2) Atos Ameaçadores da Face positiva do emissor: confissões, aceitar um elogio, pedir desculpas, autocríticas e outros comportamentos auto-degradantes;
- (3) Atos Ameaçadores da Face negativa do interlocutor: pedidos, ofensas, agressões, perguntas “indiscretas”, ordens, proibições, ameaças, avisos, conselhos e outros atos que são, de alguma forma, contrários e impositivos;
- (4) Atos Ameaçadores da Face positiva do interlocutor: expressar desaprovação, receber críticas, refutações, desafios, censuras, insultos, escárnios e outros comportamentos vexatórios. (BROWN & LEVINSON, 1987, p. 314-315).

De acordo com essas categorias, por ser considerado crítica ou ofensa, mesmo que, supostamente, suavizado, o sarcasmo constitui um AAF.

IV. MÁXIMAS CONVERSACIONAIS

Além das teorias mencionadas, também é importante considerar as Máximas Conversacionais de Grice (1975). Segundo o autor, durante uma conversação, os envolvidos devem cooperar para uma interação lógica e fluida. Para que isso ocorra, existem alguns

princípios que os participantes respeitam, de forma inconsciente, mas que regem o diálogo. De acordo com Grice (op. cit.), são eles:

- (1) Máxima da quantidade – está relacionada a dizer-se nem mais nem menos do que o requerido;
- (2) Máxima da qualidade – está relacionada a não dizer aquilo que não se acredita ser verdadeiro;
- (3) Máxima da relevância – está relacionada a não ser irrelevante;
- (4) Máxima de modo – está relacionada a evitar ambiguidade e obscuridade; (GRICE, 1975, p. 41-58)

De acordo com Brown & Levinson (op. cit.), embora não tenha sido resultado de um estudo aprofundado, o sarcasmo violaria a máxima da qualidade, pois o falante estaria dizendo algo que não acredita ser verdade. Vê-se, assim, que Brown & Levinson (op. cit.) consideram o valor de *metamensagem* proposto por Haiman (1998). Esse mesmo autor faz, porém, uma análise mais aprofundada do tema, mostrando que a *metamensagem* é apenas um aspecto que o sarcasmo pode ter, não sendo o único.

Em estudo mais minucioso, Laura Juez (1995) chama atenção para o fato de que o sarcasmo, chamado por ela de ironia verbal, na verdade, não viola apenas a máxima de qualidade, mas também a de quantidade, relevância e modo.

A *ansiedade de influência* proposta por Haiman (1998) vai além do medo constante da repetição. Ela gera, além da necessidade de deixar explícita a consciência da própria falta de originalidade, a necessidade de exercer e mostrar uma superioridade considerada intelectual em relação aos outros e para outros. Não é de se estranhar, portanto, a necessidade por conta de alguns pesquisadores de tentar sistematizar o sarcasmo.

SARCASMO E SISTEMATIZAÇÃO

Existe grande dificuldade em tentar estruturar o sarcasmo de forma a criar um conjunto de regras que possibilitem seu reconhecimento. Segundo Guimarães (2001), essa “impossibilidade de interpretação literal” (p.415) se deve pela dificuldade de ordená-lo dentro dos seguintes sinais:

- a) No uso lexical (por exemplo: o uso do superlativo para zombar de determinada situação);
- b) No plano sintático (por exemplo: inversão da ordem de palavras em uma frase);

- c) No nível fonético (tornando-o variável de indivíduo para indivíduo); e
- d) Meios paralinguísticos (tendo características muito próprias) (GUIMARÃES, 2001, p. 415).

Se por um lado a gramaticalização do sarcasmo se provou difícil, por outro, vários são os linguistas que se dispuseram a analisar suas diversas características, embora tenha sido estudado muitas vezes como uma forma subordinada de ironia com intencionalidade sarcástica e, por consequência, ofensiva.

É importante realçar que, para Haiman (1998) existe uma diferença clara entre sarcasmo e ironia:

- (1) Situações podem ser irônicas, mas só pessoas podem ser sarcásticas;
- (2) As pessoas podem ser não intencionalmente irônicas, mas o sarcasmo não pode ser feito sem intenção. (HAIMAN, 1998, p.20)

Como mencionado anteriormente, Haiman (1998) faz uma ousada proposta de gramaticalização do sarcasmo, embora não seja elaborada. Ele sugere que seja denominado “sarcástico” baseado no “subjuntivo”, por ser “um modo como o subjuntivo tradicional, já que tem a função de indicar a atitude do falante diante do conteúdo proposicional de sua mensagem” (HAIMAN, 1998, p.28). Entretanto, ele explica que o sarcasmo só não foi classificado como modo por ainda não ter sido gramaticalizado.

Como se pode perceber, o sarcasmo foi estudado sob várias óticas e até existe uma tentativa de estruturá-lo. Entretanto, a gama de possibilidades na forma em que é usado mesmo desconsiderando os fatores paralinguísticos que podem acompanhá-lo é tão grande que traz necessidade de uma análise mais aprofundada e constante sobre o tema sendo, talvez, possível sua sistematização após exaustivo estudo.

CONCLUSÕES PRELIMINARES

A pós-modernidade trouxe insegurança e vazio à sociedade que passou a sentir necessidade de algo novo. Essa busca de novidade fez com que indivíduos temessem serem acusados por falta de originalidade em um tempo em que nada que seja dito ou feito é novo, gerando o que Haiman (1998) chama de *ansiedade de influência*. Junto a ela, o homem pós-moderno apresenta necessidade de demonstração de superioridade em relação ao outro. Essa necessidade por vezes é suprida através do uso do sarcasmo nas interações atuais.

Quando estudado por Brown & Levinson (1987) e Leech (apud MILLER, 2006), o sarcasmo foi considerado uma forma subordinada de ironia. Enquanto os primeiros autores

consideravam apenas a ironia como uma forma suavizada de crítica, Leech (apud MILLER, 2006) via o que veio chamar de “ironia sarcástica”. Entretanto, nenhum desses pesquisadores reconhecia a possibilidade de existência de uma terceira pessoa na interação em que ocorre o sarcasmo, como sugerido por Toplak & Katz (apud CARTSBURG, 2007) e também Weinrich (apud GUIMARÃES, 2001). Segundo Haiman (1998), essa terceira pessoa seria o público para quem o sarcástico se mostra ao atacar o receptor (vítima), explicitando, assim, a necessidade da demonstração de superioridade no mundo pós-moderno.

Embora existam estudos que tentem gramaticalizar o sarcasmo, suas características exigem mais pesquisas para que futuramente seja possível sua sistematização. A popularização do sarcasmo como evento linguístico torna necessária sua análise para uma melhor definição e delineamento das características que permeiam a pós-modernidade, além de contribuir para melhor compreensão do fenômeno.

REFERÊNCIAS

- BAUMAN, Zygmunt. *O Mal-Estar da Pós-Modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- _____. *A vida pós-moderna segundo Zygmunt Bauman: entrevista*. [Nov, 2013] Entrevista concedida a Sílio Boccanera. Disponível em: <http://blogs.diariodepernambuco.com.br/coberturas/2013/11/a-vida-pos-moderna-segundo-zygmunt-bauman/> Acesso em: 10/02/2014
- BROWN, Penelope. & LEVINSON, Stephen. *Politeness: Some Universals in Language Usage*. Cambridge: Cambridge University Press, 1978.
- CARTSBURG, Julia. *Sarcasm – what is that? Finding a definition*. Druck und Bindung: Books on Demand GmbH, Norderstedt Germany, 2007.
- DICIONÁRIO Aurélio online. DICIONARIODOAURELIO, c2008. Disponível em: <http://www.dicionariodoaurelio.com/>>. Acesso em: 23/02/2014
- DICIONÁRIO online de português. DICIO, c2009. Disponível em <http://www.dicio.com.br/>>. Acesso em: 23/02/2014.
- DRAMA, *House MD*, EUA: Fox, 2004-2012. Programa de TV.
- FIORIN, José Luiz. A linguagem em uso. In: FIORIN, J.L. (org.) *Introdução à linguística I*. 6. ed. São Paulo: Global, 2010.
- GRICE, Herbert Paul. Logic and conversation. In: COLE, P. & MORGAN, J. (ed.) *Studies in Syntax and Semantics III: Speech Acts*. New York, Academic Press, 1975. p. 183-198
- GOFFMAN, Erving. *Interaction Ritual: Essays on face-to-face behavior*. New York: Doubleday Anchor, 1967.

GUIMARÃES, Maria Joana. Ironia: uma primeira abordagem. In: *Revista da Faculdade de Letras <Linguas e Literaturas>*, Porto, XVIII, 2001. Disponível em: <<http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/3047.pdf>>. Acesso em: 15/10/2013.

HAIMAN, John. *Talk is cheap*. Oxford University Press, New York, 1998.

MILLER, Yvonne. *Irony and politeness: softening or enhancing face-threats*. Druck und Bindung: Books on Demand GmbH, Norderstedt Germany, 2006.

JUEZ, Laura Alba. Verbal Irony and the Maxims of Grice's Cooperative Principle. In: *Revista Alicantina de Estudios Ingleses*. Alicante, n. 8, nov., 1995. Disponível em: <<http://rua.ua.es/dspace/handle/10045/5395>>. Acesso em: 09/03/2014

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução Tomás Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. 11. ed. , 1. reimp. – Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

VIEIRA, Érico Douglas & STEGNET, Márcia. Individualismo, liberdade e insegurança na Pós-modernidade. In: *Estudos Contemporâneos da Subjetividade*. Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, 2012. Disponível em: <<http://www.uff.br/periodicoshumanas/index.php/ecos/article/view/740>>. Acesso em: 08/02/2014.

SIGNIFICADOS.com.br Significado de sarcasmo, c2011-2014. Disponível em <<http://www.significados.com.br/sarcasmo/>> Acesso em: 23/02/2014

Como citar este artigo:

FERREIRA, Fabiana Julio. *O conceito de sarcasmo e a pós-modernidade*. **Palimpsesto**, Rio de Janeiro, n. 19, out – nov. 2014. pp 367-376. Disponível em: <http://www.pgletras.uerj.br/palimpsesto/num19/dossie/palimpsesto19dossie05.pdf>. Acesso em: *dd mmm. aaaa*. ISSN: 1809-3507